

«Nunca escrevi, julgando fazê-lo
nunca amei, julgando amar,
nunca fiz nada senão esperar
diante da porta fechada.»

O Amante, Marguerite Duras

Estou apaixonada pelo meu marido. Mas deveria dizer: *continuo* apaixonada pelo meu marido.

Amo o meu marido como no primeiro dia, com um amor adolescente e anacrónico. Amo-o como se tivesse 15 anos, como se tivéssemos acabado de nos conhecer, como se não tivéssemos qualquer laço, nem casa nem filhos. Amo-o como se nunca tivesse sido deixada, como se não tivesse aprendido nada, como se ele tivesse sido o primeiro, como se eu fosse morrer no domingo.

Vivo com medo de o perder. Receio a todo o instante que as coisas corram mal. Protejo-me de ameaças que não existem.

O meu amor por ele não seguiu a ordem natural das coisas: a paixão inicial nunca se transformou numa ligação terna. Penso constantemente no meu marido, gostaria de lhe enviar uma mensagem em cada etapa do meu dia, imagino-me a dizer-lhe todas as manhãs que o amo, sonho que fazemos amor todas as noites. Abstenho-me de o fazer, pois tenho de ser também esposa e mãe. Já não tenho idade para me comportar como uma pessoa apaixonada. A paixão é inadequada tendo duas crianças em casa, despropositada depois de tantos anos de vida em comum. Sei que tenho de me controlar para amar.

Invejo os amores proibidos, as paixões transgressivas que não podem ser vividas à luz do dia. Invejo ainda mais o amor quando

não é partilhado, ou deixou de sê-lo, quando o coração bate em sentido único, sem um coração a bater do outro lado. Invejo as viúvas, as amantes e as mulheres abandonadas, pois há quinze anos que vivo na infelicidade permanente e paradoxal de ser amada também, de conhecer uma paixão sem obstáculos aparentes.

Quantas vezes esperei que o meu marido me mentisse, me traísse ou me deixasse: o papel de divorciada devastada é mais fácil de desempenhar. Já está escrito. Já foi representado.

Existem milhões de pessoas perdidamente apaixonadas que apregoam a perda ou a rejeição. Mas não conheço um romance, um filme, um poema que possa servir-me de exemplo e mostrar-me como amar melhor e menos intensamente. Não conheço uma heroína de peça alguma que consiga mostrar-me como fazê-lo. Não tenho nada para documentar a minha mágoa.

Também não tenho nada que consiga suavizá-la, pois o meu marido deu-me tudo. Sei que passaremos a nossa vida juntos. Sou a mãe dos seus dois filhos. Não posso esperar mais nada, não posso esperar nada melhor e, contudo, a falta que sinto é imensa e espero que seja ele a preenchê-la. Mas com que casa, com que filho, com que joia, com que palavras, com que viagem, com que gesto poderia ele preencher o que já está preenchido?

SEGUNDA-FEIRA

À segunda-feira, não sinto qualquer cansaço quando entro no liceu. Há quase quinze anos que sou professora de Inglês, mas nunca me esqueci do motivo por que me agrada tanto dar aulas. Durante uma hora, sou o centro das atenções. Controlo a duração, a minha voz enche o espaço. Também faço traduções para uma editora. Talvez tenha sido esta vida dupla que manteve acesa em mim a chama de ensinar.

No parque de estacionamento reservado aos professores, cruzo-me com o diretor e conversamos durante alguns instantes. A seguir, chega o momento que eu esperava: ele pergunta-me pelo *meu marido*. Respondo que *o meu marido* está bem. Treze anos de casamento e esta expressão continua a ter o mesmo efeito em mim. Arrepios de orgulho quando, num jantar, digo, como se nada fosse, que «o meu marido trabalha no sector financeiro»; quando, diante do gradeamento da escola, menciono à professora da minha filha que «é o meu marido quem virá buscar as crianças na quinta-feira»; quando vou à padaria buscar bolos e informo que «o meu marido fez uma encomenda na terça-feira»; quando conto, com um ar fingidamente indiferente (quando, na verdade, isto me parece extremamente romântico) que «conheci o meu marido, por acaso, num concerto de *rock*», quando me perguntam como nos conhecemos. O meu marido deixou de ter nome, é *o meu marido*, pertence-me.

A segunda-feira foi sempre o meu dia preferido. Por vezes, reveste-se de um azul-escuro e real — azul-marinho, azul-noite, azul-egípcio ou azul-safira. Mas, as mais das vezes, a segunda-feira apresenta-se como um azul prático, económico e motivador, adotando a cor das esferográficas *BIC*, dos dossiês dos meus alunos e das roupas simples que combinam bem com tudo. A segunda-feira é também o dia das categorizações, das boas resoluções e das caixas de arrumação. O dia das escolhas criteriosas e das decisões sensatas. Já me disseram que gostar da segunda-feira era coisa de melhor aluna da turma — que só os intelectuais é que se podiam regozijar com o facto de o fim de semana acabar. Talvez seja verdade. Mas, principalmente, tem que ver com a minha paixão pelos inícios. Quando leio um livro, prefiro sempre os primeiros capítulos. Se vir um filme, os primeiros quinze minutos. No teatro, o primeiro ato. Gosto das situações iniciais. Quando cada um está no seu lugar num mundo em equilíbrio.

No final da manhã, peço aos meus alunos para lerem um texto. A seguir, dou-lhes a palavra à vez. Escrevo vocabulário no quadro, transmito-lhes as palavras de que precisam para falar (esta sensação de poder é inebriante). No excerto que estudámos hoje, uma das personagens tem o nome do meu marido. O meu coração aperta-se sempre que o vejo escrito ou que um dos meus alunos o pronuncia. Depois, traduzimos e comentamos uma troca de votos entre dois noivos. Os meus alunos conhecem esta tradição anglo-saxónica reproduzida frequentemente nas séries americanas (e interrompida frequentemente por um amante anterior em plena reconquista). É a oportunidade de estudar a utilização do verbo auxiliar, graças à resposta tantas vezes esperada do «I do» — «Sim».

Enquanto os últimos alunos saem da sala, abro as janelas para dissipar o cheiro a final de aula: um misto de suor e de marcador para o quadro branco. É também a mistura dos perfumes demasiado adocicados (das raparigas) e demasiado almiscarados (dos rapazes). As hormonas adolescentes adoram estes aromas superconcentrados à venda nas grandes superfícies. Talvez eu devesse comprar este tipo de perfumes. Há meses que uso o de um perfumista secreto,

O MEU MARIDO

que eu esperava que fosse tórrido, mas que se revela desesperadamente casto na minha pele. Como saber quais são os perfumes da moda quando se tem 16 anos? Poderia inventar um exercício sobre o tema dos cheiros e pedir aos meus alunos para descreverem o seu perfume — instrutivo para mim (arranjar ideias para um novo perfume) e para eles (enriquecer o vocabulário olfativo).

A Rosa veio cá a casa enquanto eu estava no liceu. Arranjo maneira de não me cruzar com ela, pois nunca sei o que lhe dizer; ainda não tenho há tempo suficiente o à-vontade das pessoas ricas para saber como falar com a minha empregada doméstica — vê-la a limpar a minha casa nunca me pareceu ser a ordem natural das coisas.

Paira um odor suave a limpeza; na casa de banho, o das toalhas fofas que cheiram a detergente da roupa e, nas nossas camas, o dos lençóis de linho lavados e amaciados pelo tempo. Já não há dedadas no espelho grande da entrada. Os mosaicos vermelhos da cozinha estão resplandecentes.

As estatuetas em cima da lareira, a manta de lã em cima do sofá, as velas na prateleira, os livros na estante, as revistas de Arte empilhadas sobre a mesa de apoio, as molduras com fotografias penduradas nas escadas: está tudo no seu devido lugar. Até as flores do mercado estão mais compostas no centro da mesa da sala de jantar. Tenho a certeza de que a Rosa lhes deu um jeito e arrancou algumas folhas para melhorar o aspeto do ramo.

Ontem à tarde, o meu marido foi ao mercado. A abundância que reina na nossa cozinha comove-me: o pão *brioche* e a compota em cima da bancada, o nosso cesto da fruta repleto de alperces e de pêsegos. Sei que é uma tolice, mas quanto mais compras o meu marido faz, mais tenho a sensação de que me ama. É como se ele

investisse no nosso relacionamento. Tal como o vendedor de fruta e de vegetais pesa, um a um, os pequenos sacos de papel, consigo quantificar o amor do meu marido todos os domingos, quando regressa do mercado, pelo talão da caixa deixado no fundo do cesto. No frigorífico: vegetais e carne, *tapenade*¹ do vendedor de azeitonas, uma salada de toranja com caranguejo do pronto-a-comer, uma grande quantidade de queijo. Esta cozinha a rebentar pelas costuras aquece-me o coração.

14h30. É um pouco cedo para ir buscar o correio, mas, de qualquer forma, não tenho muito a perder se o fizer. Vou buscar a chave que tenho escondida no fundo falso do meu guarda-joias, vou até à caixa de correio e abro-a, com um nó no estômago. Aliviada, encontro apenas três cartas que nada têm de inquietante ou inabitual (nenhuma delas manuscrita, nenhum sobrescrito sem selo). Quando levanto os olhos, apercebo-me de que, a alguns metros de distância, um vizinho me olha fixamente. Em pânico, cumprimentoo antes de me apressar a entrar em casa.

Preciso de alguns minutos para recuperar a calma. Sei que é nestes momentos que fico mais suscetível de cometer um erro. Por isso, recupero o sangue-frio. Volto a guardar a chave no fundo falso do meu guarda-joias, ao lado de um anel que continua a brilhar, embora esteja um pouco oxidado pelo tempo. Tem quase vinte anos, mas continuo a guardá-lo por uma questão de nostalgia, apesar dos riscos que sei que corro: e se, um dia, o meu marido o encontrasse? Como conseguiria explicar-lhe que possuo um solitário praticamente igual àquele que ele me ofereceu quando me pediu em casamento?

Contudo, a vida que tive antes dele não lhe diz respeito. Não tenho de lhe contar tudo: os relacionamentos que perduram são aqueles cujo mistério não foi desvendado. Por exemplo, alguns meses depois

¹ Tapenade é um prato típico francês, da Provença. A receita original é composta por uma mistura de azeitona, com alcaparra, anchova, tudo picado em pequenos pedaços ou mesmo macerado e misturado com azeite. É normalmente servido como entrada com pedaços de pão ou torradas, podendo também ser utilizado como tempero. (*N. do R.*)

MAUD VENTURA

de nos conhecermos, deixei-o. Duas semanas de intervalo em que voltei a cair nos braços de um ex-namorado, o Adrien. Apanhámos um comboio e fomos ver o mar. Depois, uma manhã, deixei um bilhete em cima da almofada e voltei para junto daquele que se tornaria o meu marido. Ele não precisa de saber o que aconteceu durante essas duas semanas de hesitação.

Todas as segundas-feiras, o meu marido vai à piscina depois de sair do trabalho. E, todas as segundas-feiras, cozinho com mais nervosismo do que nos outros dias. Estou agitada, falta-me paciência para os nossos filhos, corto-me ao preparar o prato de entrada, deixo passar demasiado a carne.

Quando o meu marido está ausente, a casa soa como um piano com a surdina acionada: o ruído torna-se abafado, a nossa vida de família perde variações e intensidade. Parece que alguém colocou uma enorme tampa sobre o nosso telhado.

Acendo a luz do alpendre e, a seguir, a da cozinha e a da sala de estar. Vista da rua, a nossa casa parece uma loja de recordações que brilha na escuridão. É a visão acolhedora que o meu marido deve encontrar quando regressar.

Depois de as crianças já estarem deitadas, vejo um pouco de televisão, mas vejo apenas mulheres à espera, como eu. Comem um iogurte, conduzem um carro ou põem perfume, mas, o que me salta aos olhos é o que não está nas imagens: todas elas são mulheres à espera de um homem. Sorriem, parecem ativas e ocupadas, mas, na verdade, estão impacientes. Pergunto-me se serei a única a ver esta sala de espera universal.

Está na hora. O meu marido não deverá tardar a chegar. Dou uma vista de olhos pela estante, à procura de um romance para, desta

forma, disfarçar a minha ansiedade. Não quero que ele me encontre à sua espera diante de um ecrã. A Marguerite Duras será perfeita para esta noite.

Li pela primeira vez *O Amante* quando tinha quinze anos e meio. Recordo apenas algumas imagens: a humidade, o suor, os fluidos, os estores, o Mekong, uma rapariga da minha idade com a qual não me identificava nada (demasiado indiferente e pessimista). E, além disso, tanto aos quinze anos como aos quarenta, o sexo sem sentimento nunca me atraiu muito. Por outro lado, há uma frase que nunca esqueci e que termina assim: «Nunca fiz outra coisa senão esperar diante da porta fechada.» Tinha a estranha sensação de já a ter lido algures. Primeiro, sublinhei-a a lápis (nunca escrevera numa página de um livro e o gesto pareceu-me muito grave). A seguir, porque isso ainda me parecia insuficiente, copiei-a para um caderno. Aos dezoito anos, pensei em tatuá-la na omoplata.

Anos mais tarde, percebi que a frase não pertencia ao meu passado, mas ao meu futuro. Não era uma reminiscência, mas um desígnio: «Nunca fiz outra coisa senão esperar diante da porta fechada.»

Com as pernas descontraidamente fletidas debaixo de mim, o livro aberto ao acaso, incapaz de ler uma linha, uma chávena de chá a ferver ao alcance da mão, espero o meu marido. A luz da sala de estar é demasiado agressiva, pelo que acendo um candeeiro e duas velas — e regresso rapidamente à posição anterior. De onde estou sentada no sofá, vê-se a porta refletida no grande espelho da entrada. Espero pelo momento em que, finalmente, o puxador se inclinará.

Habituo-nos a essa visão, a de um marido que volta do trabalho. Vivemos tantas vezes esta cena que já nem a vemos. A nossa atenção foca-se noutra coisa: a hora cada vez mais tardia do regresso ao longo das promoções, algo que não queremos que coza de mais ou de menos, ir aconchegar as crianças na cama. Habituo-nos, olhamos para outras coisas. Eu continuo a preparar-me para ela todas as noites.

O MEU MARIDO

21h20. Verifico a pulsação na parte interna do meu pulso. Aceleração do ritmo cardíaco. Tensão arterial a subir; estado de alerta. Olho-me rapidamente ao espelho: as minhas pupilas estão dilatadas. Quase consigo sentir a adrenalina a espalhar-se na minha hipófise; quase consigo senti-la a bater; a pequena amêndoa no meu cérebro, a bater e a espalhar a sua química do stresse. Respiro fundo várias vezes, para abrandar artificialmente os batimentos do meu coração.

21h30. O meu marido chega a horas. Os faróis que iluminam parcialmente a casa anunciam a sua chegada. Lá fora, a porta do carro bate (é o primeiro sinal do regresso). A caixa de correio abre-se e fecha-se com um som metálico (o segundo sinal). Por fim, o barulho da chave na fechadura (o último sinal, a terceira pancada no soalho do teatro antes de a cortina se abrir). 3, 2, 1. Os meus diálogos interiores param. Apenas permanecem, incontrolláveis, os batimentos do meu coração. A porta de casa abre-se. O serão pode começar.